

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO CONTEXTO ESCOLAR: Intérprete de libras

Joana D'arc Dutra de Oliveira

(UEPB/CAMPUS-IV) - joana.dutra@hotmail.com.br

Maria José da Silva Apolinário

(UEPB/CAMPUS-IV) - mariaapolinario80@yahoo.com.br

Joana Dark de Lima

(UEPB/CAMPUS-IV) - joanadarkdl@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise bibliográfica sobre o papel do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo no contexto educacional, e ainda ressaltar a importância do intérprete nesse processo de inclusão. Neste sentido, o artigo procura mostrar como o processo de inclusão do intérprete de libras favorece a aprendizagem do aluno surdo com os demais ouvintes em sala de aula. O intérprete de libras possui um papel essencial na interação do aluno surdo/professor/aluno, já que o intérprete é o elo de comunicação entre o aluno surdo/ouvintes, uma vez que a comunicação é importante para haver uma socialização, em que a língua de sinais a LIBRAS é uma ferramenta que auxilia na comunicação dos surdos/ouvintes, isto é, cabe ao intérprete de libras dar assistência tanto ao aluno surdo como aos ouvintes em sala de aula, assim, para que haja uma interação é necessário ter uma comunicação entre eles, aluno surdo/ouvintes. A Educação, um termo amplo que visa como ato ou efeito de educar os indivíduos num processo de desenvolvimento das capacidades físicas, moral e intelectual, que busca garantir uma integração individual e social. O aluno surdo tem direito de ter um intérprete de Libras em sala de aula, auxiliando-o na comunicação entre professor/aluno, pois cabe à escola e a sociedade rever seu papel perante o assunto da inclusão, e ainda há bastante preconceito em torno desta questão, uma vez que o surdo como qualquer outra pessoa com deficiência enfrenta algum tipo de dificuldade em seu cotidiano.

Palavras-chave: Escola, Intérprete de libras, Aluno surdo.

ABSTRACT

This paper aims to make a literature review on the pounds interpreter's role in the learning process of deaf students in the educational context, and also highlight the importance of the interpreter that the inclusion process. In this sense, the article tries to show how the pounds interpreter inclusion process favors the learning of the deaf student with other listeners in the classroom. The pound performer has an essential role in the interaction of deaf student / teacher / student, as the interpreter is the communication link between the deaf student / listeners, since communication is important to be a socialization in that language signals POUNDS is a tool that aids in the communication of the deaf / hearing, that is, it is up to pounds interpreter to assist both the deaf student as listeners in the classroom as well, so there is an interaction is necessary to have a communication among them, deaf student / listeners. Education, a broad term that aims to act or effect of educating individuals in the development process of physical, moral and intellectual, which seeks to ensure individual and social integration. Deaf student has the right to have a Libras interpreter in the classroom, helping the communication between teacher / student, it is the school and society to review its role in the matter of

inclusion, and there are still very prejudice about this question, since the deaf as any other disabled person faces some kind of difficulty in their daily lives.

Keywords: School, Interpreter pounds, Deaf student.

INTRODUÇÃO

Diante das dificuldades de comunicação entre o público surdo e os ouvintes, os intérprete de libras tem de ser um profissional capacitado e qualificado, para interpretar em diferentes situações formais como em: escolas, palestras, fóruns judiciais, etc. A escola também deve se adaptar ao aluno surdo, para que o intérprete possa desenvolver um trabalho significativo com esse aluno, ou seja, a escola pode favorecer a interação do aluno surdo com os demais alunos ouvintes em seu ambiente, aplicando metodologias que adequam nessa relação de convívio.

Neste sentido, buscamos em nosso trabalho uma discussão acerca do papel do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo no contexto escolar. Dessa forma podemos afirmar que a escola é o local apropriado para a socialização do aluno surdo, dando-lhe a possibilidade e a oportunidade de se comunicar através da LIBRAS, já que essa língua é a sua língua materna, e é a que deve ser ensinada. A outra língua é a dos pais, a qual deve ser adquirida no ambiente familiar e escolar.

Com os avanços das práticas educacionais acerca de estudos inerentes a língua de sinais (LIBRAS), assim, podemos dizer que a inclusão está inserida na sociedade, pois em cada lugar que olhamos, enxergamos indícios desse processo de inclusão, por exemplo, em prédios públicos, bancos, empresas particulares, etc., esses indivíduos no âmbito social, em que as políticas dos direitos iguais para todos, influenciou uma abertura para essa concretização. Ainda, podemos ressaltar que o processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos, favoreceu a formação e a atuação do intérprete de libras nas escolas, gerando uma melhor adaptação dos alunos surdos em sala de aula, e fortalecendo o processo de inclusão.

No decorrer do trabalho também será abordado o papel do intérprete de libras, uma vez que a escola e o aluno com deficiência auditiva possam ter um ambiente adequado para seu convívio. Essa pesquisa se trata de pesquisa bibliográfica, fundamentada nas seguintes teorias: Quadros (2004); Gesser (2009); Ferreira (2001), Lacerda (2004), para a construção do nosso trabalho.

1. O PAPEL DO INTÉRPRETE EM SALA DE AULA: Concepções

O intérprete tem por sua principal função, traduzir, cabendo-o a responsabilidade de interpretar os sinais feitos pelo aluno surdo, pois sem o intérprete, esse aluno não conseguiria desenvolver uma aprendizagem significativa em sala de aula, uma vez que o intérprete é fundamental para o processo educacional do mesmo.

Lacerda (2004) ainda ressalta a condição do intérprete em correlação a sala de aula, que se ver que é atribuindo a ele uma série de cargos, em que não se restringe a esse profissional apenas a prática da língua de sinais, mas também acolhe a demanda pessoal do aluno, tendo como responsabilidade essa tarefa; ao invés de exercer seu trabalho como elo de comunicação do aluno surdo e ouvintes.

Neste sentido, o intérprete também não deve assumir todos os papéis que o delegam por parte de alguns professores e alunos, pois vai sobrecarregá-lo e, ainda não confundir o seu papel dentro do processo educacional do aluno surdo.

O intérprete também exerce uma função primordial na construção do aluno surdo, que por muitas vezes, o professor da classe acaba atribuindo ao intérprete à função pedagógica, de planejar e explicar os conteúdos ao aluno surdo, deixando-o de lado, já que o docente acaba direcionando essa função ao intérprete. Esse pensamento que o professor tem acerca do intérprete pode atrapalhar o aluno surdo tanto no desenvolvimento cognitivo como na comunicação.

Gesser (2009) diz que a maioria dos intérpretes brasileiros tem desenvolvido uma proficiência e uma habilidade de interpretar a partir de uma situação de “emergência” comunicativa na interação surdo/ ouvinte, em que sua função resume exclusivamente em estabelecer uma comunicação em sala de aula.

O interprete de libras tem que dominar a língua de sinais e ter formação na área que atua, assim, esse profissional estará qualificado para traduzir a língua de sinais para outro idioma ou vice-versa. É muito importante que o interprete participe das reuniões da escola e dos planejamentos pedagógicos.

Damázio (2007) esclarece que tanto o tradutor como o intérprete são apenas um mediador da comunicação, assim:

É absolutamente necessário entender que o tradutor e intérprete é apenas um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem e que esses papéis são absolutamente diferente e precisam ser devidamente distinguidos

e respeitados nas escolas de nível básico e superior. (DAMÁZIO, 2007, p.16)

O tradutor/intérprete de libras é o profissional que interpreta e traduz entre duas culturas distintas, a língua de sinais e a língua portuguesa, que é a dos pais. O intérprete ainda tem a função de interagir entre o surdo e o ouvinte, que se resume essencialmente em estabelecer a comunicação na sala de aula.

Neste sentido, Quadros (2003) diz que o intérprete precisa dominar todas as informações que estão sendo discutidas, em certas situações, devendo haver um momento de planejamento, ou seja, de como ele irá organizar todas as informações a serem transmitidas. Situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical.

A perspectiva da interação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical (Quadros, 2003: 80).

Souza (2015, p.92) ressalta que devemos salientar “que aquele profissional não substitui o professor, pois ele apenas serve de elo comunicativo e facilitador da comunicação.” O intérprete deve estar preparado para diferentes tipos de discursos, e é preciso que ele procure probabilidade de criar noções sobre o que é usado no momento da interpretação, auxiliando o surdo na construção de sentido, exposto no texto oral ou escrito. Em caso de interpretação coincidentemente.

Neste sentido, há a preocupação de que não seja satisfatório o entendimento do discurso pelo surdo, tendo em vista que a tradução não será igualmente ao discurso original. Então, o intérprete se utiliza da elaboração linguística do locutor, argumentando sobre os diferentes tipos de fala, as quais o intérprete expõe, sendo necessário que ele crie noções sobre como falar às devidas interpretações.

Segundo Quadros (2003) o intérprete é o locutor da comunicação entre o aluno surdo e os ouvintes, assim:

O foco está no vocabulário e nas frases. Decisões sobre o significado estão baseadas nas palavras. Pensa-se no intérprete como um reproduzidor de textos,

sinais, palavras sentenças, quando na verdade sabemos que somente sinais, palavras e sentenças não são suficientes para que o surdo construa sua concepção referente ao discurso. (QUADROS, 2003:79)

O intérprete tem que ter a ideia do que esta sendo determinado, pois é valoroso que o esse profissional tenha um conhecimento antecipado da exposição que propulsione oportunidade de compreensão ao surdo, no momento da interpretação. Dessa maneira, o professor terá possibilidades da sua preparação para a interpretação, proporcionando ao surdo, mudanças necessárias á criação de ideias adequada ao que é tratado, no âmbito da sala de aula.

Segundo Skliar (1998, p.5), o aprendizado com o surdo, é entendido como um grupo de pesquisa na área da educação, que valorize as identidades, a língua, os estudos educacionais, a tradição, a arte, a sociedade e a cultura surda. Para que a partir de sua diferencia e não deficiência, e do melhoramento político e social.

De acordo com Sá (2002, p.47) os estudos dos surdos discorrem como “um movimento que visa reconstituir a experiência da surdez como um traço cultural, tendo a língua de sinais como elemento significante para esta definição”, ou seja, o surdo não deve deixar de lado sua cultura, pois desta forma ele está renegando suas raízes.

Ferreira (2001) mostra que o intérprete é “quem serve de intermediário para fazer compreender indivíduos que falam idiomas diferentes.” Isto é, o aluno surdo precisa ter conhecimento em LIBRAS para desenvolver uma comunicação. Assim, o intérprete é uma ferramenta fundamental para o crescimento do aluno surdo.

Neste sentido, Gesser (2009) fala da relação de independência entre o aluno surdo e os ouvintes em que:

O intérprete tem tido uma importância valiosa nas interações entre surdos e ouvintes. Na maioria dos casos, os intérpretes têm contato com a língua de sinais a partir dos laços dos familiares e da convivência social com vizinhos e amigos surdos (ocorrendo geralmente em espaços escolares e religiões). (GESSER, 2009, p.47).

Souza (2007) tratar a relação estabelecida entre os alunos surdos e o Intérprete da língua de sinais como:

O trabalho do tradutor, entendido como ato amoroso e de entrega à obra, apresenta – na figura do intérprete educacional de Libras – uma face pouco

visível em relação a outras situações tradutórias: torna crucial a relação pessoal, em jogos de acontecimentos que convocam os sujeitos – estudante e intérprete – ao preenchimento de uma falta em ambos. Falta que mobiliza o desejo de transmissão de conhecimento pelo intérprete ao estudante, ou antes, que o mobiliza a transmitir marcas simbólicas que, por sua vez, permitirão ao sujeito surdo se inscrever também na deriva de outra língua e em outra cultura. Configuração que, a meu ver, impossibilita o intérprete de ser, em sala de aula, “apenas” o intérprete – ele é sempre mais que isso: ele é parte do acontecimento de ensino-aprendizagem em que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. (SOUZA, 2007, p.167)

Souza (2007) também diz que o professor é apenas uma ferramenta no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, já que este profissional não alcançará uma determinada relação de ensino com o surdo, por não possuir domínio da língua de sinais.

Esse domínio confirma ainda que a ligação entre professor /aluno/intérprete sempre será difícil. Para que de fato ocorra à inclusão dos surdos no processo de aprendizagem é preciso que aceite a LIBRAS como língua oficial da comunidade surda, sendo ela a primeira língua e a segunda a língua portuguesa escrita.

De acordo com Souza (2015) a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua visual-espacial, que é reconhecida pela lei nº 10.436 em 24 de abril de 2002. Em que a legislação diz que a LIBRAS, esses indivíduos têm direitos legais na questão de utilização da língua e bem como a disposição de intérprete em sala de aula, de com o decreto nº 5626/2005.

“[...] é defendido os direitos linguísticos dos surdos, principalmente a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, percebemos que para que haja, realmente, inclusão dos indivíduos Surdos, é necessário que ela seja feita pela aceitação da LIBRAS como língua, uma vez que se comparada outros sistemas comunicativos[...]”. (SOUZA, 2015, p.90).

Quadros (2003) também ressalta que a LIBRAS é uma língua usada pela comunidade surda brasileira, que articula através das mãos, das expressões faciais e do corpo, sendo aceita como uma maneira de comunicação legal que tem uma forma gramatical específica para estabelecer um método de transferência de ideias e fatos, cuja formação de um signo se faz por meio visual. Pensando nisso, podemos concluir que o intérprete de libras é a peça essencial no desenvolvimento cognitivo do aluno surdo, pois sem sua presença, esse aluno não conseguiria acompanhar os demais alunos, sendo excluído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho buscou entender a concepção da definição do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo, mostrando as dificuldades encaradas pelo intérprete da língua de sinais em sala de aula. Considera-se que a profissão de intérprete de libras é atual, não possuindo tempo disponível para uma formação apropriada de profissionais com excelente nível de formação superior.

Para que aconteça a inclusão dos surdos de fato é preciso que a escola possibilite meios para que o intérprete possa realizar o seu trabalho, precisando também da colaboração do professor para que junto com o intérprete possa promover o desenvolvimento e a potencialidade do aluno surdo.

As discussões expostas pelo o nosso trabalho teve como intuito abordar a relação do intérprete de libras na construção da aprendizagem do aluno surdo no contexto escolar, uma vez que as práticas adotadas influenciam bastante na educação deste aluno.

Neste cenário escolar, em que a criança surda é ainda excluída e privada de seus direitos previstos na lei, sofre muito devido as suas limitações, no entanto, hoje, com uma nova abordagem sobre o tema de inclusão nas escolas, ocorreram diversas mobilizações por parte dos educadores para conter essa transgressão pedagógica refere ao aluno surdo em que antigamente à escola não permitia a matrícula destes alunos.

Contudo, as abordagens feitas através dessa temática prioriza a participação do aluno surdo no ambiente escolar, para fazê-lo apto ao processo ensino/aprendizagem, respeitando sua cultura e suas limitações, uma vez que o intérprete de libras é essencial na aprendizagem cognitiva desse aluno.

REFERÊNCIAS:

DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez.** Brasília: MEC, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário de língua portuguesa.** RJ: Nova Fronteira, 2001.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceito em torno de língua de sinais e da realidade surda. SP: Parábola Editorial, 2009.

LACERDA, Cristina B. F. de; POLETTI, Juliana E. **A Escola Inclusiva para Surdos: a situação singular do intérprete de língua de sinais.** FAPESP/ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt15/t151.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2016.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2003.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: Editora UFA, 2002.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOUZA, José Marcos Rosendo de. **Entre palavras e sinais: letramento literário, surdez e inclusão.** São Carlos: Pedro e João Editorares, 2015.

SOUZA, V. R. M. **Gênese da educação de surdos em Aracaju.** Dissertação (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

